

# O USO DOS SANTOS

## ANTÓNIO ENCONTRA O IMPOSSÍVEL

A imagem de António o Grande, eremita conhecido por ter resistido às “tentações” do diabo, foi eclipsada por a de António de Pádua, o pregador tido como um intercessor universal.

Os santos mais gloriosos são os que mais se destacam e encontramos muitas vezes a alguns séculos de distância o eco do seu nome substituído por outro e com uma nova vivacidade.

Existem numerosos homónimos que se distinguem por um epíteto evocando os seus milagres particulares, a cidade onde nasceram ou morreram. Em cinco Antónios recenseados, dois pelo menos são considerados como personagens de excepção, se bem que haja quase mil anos que os separem, e que se confundam por vezes, como se as virtudes e os actos do primeiro fossem esvanecidos pelo segundo, obedecendo, assim, por transferência, à retoma do seu nome.

O mais antigo, António o Grande, é conhecido pela sua renúncia aos bens terrenos e a intensidade das visões às quais o diabo o submeteu, “tentações” que serviram de mote à iconografia cristã e que inspiraram numerosos artistas, designadamente Hieronymus Bosch, Pieter Bruegel, Dali, Max Ernst, Matthias Grünewald, Diego Velázquez ou Gustave Flaubert.

O nome António significa “aquele que possui os bens celestes e menospreza os bens terrenos”, segundo Jacques de Voragine, que acrescenta: “Ele menosprezou o mundo, que considerava imundo, perturbado, transitório, enganador, amargo.”

Nasceu em 251 no Egipto, numa família cristã abastada e, quando fez 20 anos, aquando da morte dos seus pais, vendeu todos os seus bens, distribuiu o dinheiro pelos pobres e exilou-se no deserto para aí levar uma vida de eremita. Foi aí que o demónio lhe apareceu e lhe infligiu enumeráveis “tentações”, que os pintores representaram detalhadamente. Ele dominou um javali diabólico enviado pelo Diabo e domesticou-o num porco pacífico que se tornou seu companheiro e fez parte dos seus atributos tradicionais, como o seu cajado e a sua campainha.

Discípulos juntaram-se ao eremita e fundaram uma pequena comunidade em Fayoum e depois em Pispir. Quando ele visitou São Paulo Eremita, decano dos anacoretas na Tebaida, que um corvo alimentava cada dia com um pão, o pássaro trouxe dois. Aquando da morte de Paulo, António, seguido de dois leões, voltou para o sepultar. António cumpriu outros

milagres, de acordo com diversas fontes: deslocou-se milagrosamente até Barcelona para exorcizar a mulher e os filhos do rei da Catalunha, possuídos pelo demónio, e passou ao longo dos tempos por um grande feiticeiro, curando o “fogo de Santo António”, a zona, ou a “doença dos Ardentes” – uma forma de epilepsia provocada pelo esporão do centeio –, como também a peste, a lepra, a sarna e as doenças venéreas.

Depois, aos 150 anos, sentindo chegar o seu fim, foi morrer perto do mar Vermelho, em 356, no monte Qolzoum, onde se encontra o mosteiro de Santo António, depois de ter pedido que não fosse desvendado o local da sua sepultura. As suas relíquias foram transferidas para Constantinopla no século XI. Foi o primeiro monge cristão e padroeiro da ordem hospitaleira dos Antonianos, sendo muito tempo venerado no Ocidente com o seu hábito com capuz e o seu porco. O eremita atormentado pela carne perdeu contudo popularidade com o desenvolvimento do culto de Santo António de Pádua. Sem dúvida, os santos não são rivais, não fazem concorrência uns aos outros, mas acontece que a sua imagem seja involuntariamente eclipsada pela imagem de um novo santo.

Nascido a 15 de Agosto de 1195 em Lisboa, filho mais velho de uma família nobre descendendo de Godefroy de Bouillon, primeiro rei de Jerusalém, o jovem Fernando estava normalmente destinado à magistratura pelos seus pais. No entanto, ele não partilha a sua ambição. Ele não ignora os encantos da vida mundana e conhece como António o Grande as horríveis tentações da luxúria, mas, no início da adolescência, contém-se para não lhes sucumbir e afasta o demónio através da oração.

Com 15 anos, abandona a casa dos pais para entrar nos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, na abadia de São Vicente de Fora, perto de Lisboa. Estes frades dão-lhe uma formação intelectual de primeiro plano que fará dele o clérigo mais cultivado do seu tempo. Mas a abadia de São Vicente de Fora é muito próxima de Lisboa, os pais e os amigos vêm distraí-lo, tentá-lo talvez, e ele decide afastar-se para uma outra abadia agostiniana, em Coimbra, onde é ordenado padre aos 25 anos.

Em Coimbra, trava conhecimento com cinco missionários franciscanos vindos da Úmbria, rudemente massacrados em Marrocos, que o surpreenderam pela sua simplicidade, a sua alegria, bem diferente da rotina austera da sua abadia, e mostraram-lhe uma outra forma de viver a sua fé. Ele consegue abandonar os agostinianos para se juntar à ordem de Francisco de Assis, adopta o nome de António em homenagem a António o Grande, e, vestido com o hábito franciscano, embarca para Marrocos, pronto a derramar por sua vez o seu sangue por Cristo.

Os Sarracenos poupam-no, mas assim que chega a Marrocos é atingido pelo paludismo. Em vez de pregar, tem de ficar deitado abalado pela febre, e o seu sonho de mártir heróico não dura muito tempo. No caminho de volta, os ventos contrários desviam o seu navio da rota normal em direcção à Sicília. António não voltará mais a ver o Portugal do jovem Fernando.

Vai para Assis em 1221 e chega à eremitagem do Monte Paulo que lhe tinham destinado, perto de Forlì, na Emília. Na solidão, recupera enfim a saúde e a paz interior que a sua viagem tinha afectado. Mas não por muito tempo.

Um dia, na ausência de um frade doente, encarregam-no de pronunciar o sermão em Forlì. António não pode recusar e toma a palavra. Este dom da palavra não o abandonará mais. António, devido à sua inteligência e ao seu temperamento fora do comum, revela-se um orador extraordinário. A sua reputação atrai rapidamente multidões. Milhares de fiéis vêm em procissão ouvir este pequeno homem denunciar a cupidez, a indiferença e o pecado que reinam na sua época.

Os franciscanos não hesitam em enviá-lo pelos caminhos de Itália e de França, onde a heresia dos Cátaros fazia estragos. António lembra-os da mensagem do Evangelho com um tom fraternal e obtém através da sua compaixão mais almas do que outros através da espada.

Em todo o lado, assinalam-se os seus prodígios. Em Arles, enquanto ele prega começa a trovejar e António retém a multidão dizendo que as trombas de água não molham. Em Rimini, onde as autoridades heréticas proibiram os habitantes de se aproximarem dele, António dirige-se aos peixes do mar, como São Francisco aos pássaros, e os peixes chegam em filas apertadas, com a cabeça fora de água para ouvir as suas palavras de exortação e de louvor. Noutro local, ele aceita o desafio de um judeu que aposta com ele que a sua mula preferirá a aveia à eucaristia; a mula é posta a jejuar durante dois dias; no terceiro, ela desdenha a aveia fresca e ajoelha-se perante a hóstia; o judeu converte-se. Em Pádua, após António ter reprimido um rapaz que tinha dado um pontapé à sua mãe, este corta o pé; António volta a uni-lo à perna do rapaz. Um pai duvidando ser o genitor do seu recém-nascido, António faz com que a criança fale, a qual testemunha a honestidade da sua mãe.

Como António o Grande, ele tem o dom da ubiquidade: durante um sermão na Igreja de Saint Pierre de Queyroids ele faz uma interrupção ouvindo tocar matinas, coloca o seu capuz, aparece aos monges do seu convento para cantar com eles, e depois reaparece na igreja e termina o seu sermão. Quando o seu próprio pai foi injustamente condenado em Lisboa por um assassinio que não tinha cometido, António faz sair do seu túmulo a vítima, que o inocenta; ao mesmo tempo, António é visto a seguir o ofício religioso em Pádua.

António, todavia, não quer impressionar apenas através de milagres mas antes de mais convencer através da palavra. A sua grande cultura teológica e o seu domínio das Sagradas Escrituras permitem-lhe ensinar em Montpellier e em Toulouse, em Bologne e em Pádua, de redigir obras que o fazem merecer o título de doutor da Igreja. São também armas temíveis. Este homem de oração, com uma saúde frágil, não é um fraco.

Aquele que nomearam “O Martelo dos heréticos” não teme nada nem ninguém, defende os pobres e os oprimidos, troça severamente dos usurários, enfrenta sem medo os poderosos, ataca com dureza mesmo os piores senhores, tal como Ezzelino, senhor de Verona e genro do Imperador Frederico II, que ele acusa de se comportar como um tirano.

Trinta e dois anos depois da sua morte, quando se abre o seu caixão, aquando da cerimónia de reconhecimento do seu corpo, em presença do Santo Boaventura, constata-se que só uma parte dos seus restos mortais ficou intacta, a sua língua.

Cansado pelos seus trabalhos, pelas suas batalhas e pela doença, António cedo tem o pressentimento do seu fim. Isola-se uns tempos, para se purificar, numa cabana instalada entre os ramos de uma noqueira, em Camposampiero, perto de Pádua. O conde Tiso, proprietário desta última eremitagem, apercebe-o em êxtase, envolto numa luz sobrenatural, segurando o Menino Jesus nos seus braços. Ao amanhecer – no dia 13 de Junho de 1231 –, depois de um mal-estar, António, muito enfraquecido, é conduzido até Pádua numa carroça e morre às portas da cidade num mosteiro de clarissas, aos 36 anos. Muito mais jovem do que António Grande, o padroeiro centenário.

Todos os habitantes de Pádua participaram no funeral deste pregador comovente, persuasivo e intrépido para honrar a sua bondade e a sua coragem conhecidas por todos, sem dúvida mais do que pelos actos maravilhosos citados acima, alguns dos quais só foram adicionados tardiamente à sua lenda. Diz-se que, na mesma noite em que foi enterrado, começaram a acontecer milagres sobre o seu túmulo e que se multiplicaram nos dias seguintes. Os peregrinos acorreram de todo o lado, atraídos pelo fenómeno, tão numerosos que as autoridades da Igreja – o bispo de Pádua e depois o papa Gregório IX – tiveram que se debruçar sobre o caso de António. O seu processo diocesano e apostólico, dirigidos rapidamente, conduziram à sua canonização em menos de um ano, e a sua basílica começou a ser construída.

Durante dois séculos, o culto de Santo António ficou limitado à região de Pádua, como se o de São Francisco de Assis, seu contemporâneo e mentor, ocupasse todo o espaço disponível da devoção. Mas, desde o século XV e XVI, o culto do santo de Pádua tem um desenvolvimento incrível, planetário, sem que se possa explicar as razões de um tal

entusiasmo. Portugal faz dele o seu santo nacional. Os marinheiros, os náufragos e os prisioneiros colocam-se sob a sua protecção. A sua estátua está presente em quase todas as igrejas; ele torna-se o santo favorito das classes populares, é venerado para além das fronteiras da Igreja Católica, que designará a esmola que ela distribui aos pobres com o nome de “pão de Santo António”.

Nenhum santo, nenhum apóstolo goza nos nossos dias uma reputação igual à sua. Porquê? Talvez porque, no século XVII, lembramo-nos de uma simples história: um noviço, tendo roubado a António o seu livro de salmos, devolve-lho, aterrorizado por uma aparição ameaçadora. Estranhamente, a partir desta anedota bastante banal, pouco milagrosa em si passou-se a invocar Santo António de Pádua para encontrar os objectos perdidos. Depois alargou-se pouco a pouco o campo do seu poder para além dos objectos materiais, livros ou chaves, implorando-se também para encontrar a saúde, o amor. É solicitado agora como um intercessor universal, capaz de atender qualquer pedido.